

O bilinguismo: uma abordagem plural

Introdução

Maria da Graça L. Castro Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O título dado a esta mesa-redonda vai ao encontro da necessidade de considerar o “bilinguismo” numa perspectiva que integre a ideia de que os bilingues não constituem um grupo homogéneo (cf. Paradis, 2004: 2). Por outros termos, os participantes nesta mesa-redonda procurarão trazer contributos que ajudem a ler de modo crítico as definições de “bilinguismo” e de “bilingue” que tão frequentemente ocorrem nos dicionários.

Definições de bilingue como “a person who knows or uses two languages”¹, ou de “bilinguismo” como “[c]apacidade do falante que tem competência linguística em duas línguas diferentes [...]”² não deixam de nos levar a questionar o que significa “knows a language” e, porventura ainda mais, o que se entende por “competência linguística”, conceito entendido como uma competência idealizada quando remete – como parece ser esse o caso – para a linguística generativa³. Será que, no mínimo, o modo e a idade de aquisição, bem como o contexto de uso⁴ – para só mencionar estas três dimensões – não condicionarão o conhecimento de cada língua?

O facto de ser difícil encontrar um bilingue que apresente um conhecimento completo de duas (ou mais) línguas no que toca, por exemplo, a todas as suas variedades e a toda a sua extensão lexical (cf. Paradis, 2004: 3) faz com que o conceito de “bilinguismo” tome fatalmente várias acepções e seja considerado um *continuum* que admite possibilidades que vão do *ambilinguismo* ao *semilinguismo*, passando pelo *equilinguismo* (cf. Paradis, 2004: 2-3). A ideia do *continuum* no tocante ao bilinguismo ocorre também referida por Grosjean (1992). Nas palavras deste autor, “In everyday life, bilinguals find themselves at various points along a situational continuum which induces a particular speech mode.” (Grosjean, 1992: 58)

Atendendo ao facto de, como acima foi dito, os bilingues não constituírem um grupo homogéneo, os experimentos na área do bilinguismo devem integrar questionários muito completos acerca dos processos de aquisição e desempenho linguísticos

¹ Cf. Paradis, 2004: 2.

² Cf. a entrada “bilinguismo”, do domínio “Língua, Comunidade linguística, Variação e Mudança”, subdomínio “contacto entre línguas”, da autoria de Rita Marquilha (TLEBS, 2005).

³ Ver entrada “competência linguística” do domínio “Língua, Comunidade linguística, Variação e Mudança”, subdomínio “língua e falante”, da autoria de Rita Marquilha (TLEBS, 2005).

⁴ Ver, a este propósito, Paradis, 2004: 3.

dos sujeitos que integram a população a estudar. Dito de outra forma, desses sujeitos deve ser feita uma *anamnésia* tão completa quanto possível acerca da sua história de falantes de várias línguas. Além disso, estudar bilíngues (ou estudar o bilinguismo) não pode restringir-se a estudar a (sua) competência linguística, i.e., a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Apesar dessa abordagem ser importante, como comenta Paradis, ela não basta em termos de comunicação verbal (cf. Paradis, 2004: 7). Na verdade, segundo este autor, na produção e compreensão de enunciados também estão implicados factores não menos importantes como o conhecimento metalinguístico, a pragmática e a motivação.

Pela minha parte, destacaria de um modo especial a motivação, ou melhor, a motivação e o afecto (cf. Paradis, 2004: 24) e retomaria o pensamento de Paradis quando este autor acrescenta que a aprendizagem formal de uma segunda língua não parece estar tão associada às estruturas límbicas subjacentes à aquisição da língua nativa em virtude de não manifestar o mesmo envolvimento emocional durante o seu desenvolvimento.

O bilinguismo cobre aspectos tão diferentes que tem sido inevitavelmente objecto de estudo no âmbito de diferentes disciplinas.

Dentre os vários aspectos, afigura-se-me que as intervenções nesta mesa-redonda tenderão a dar um destaque não menos acentuado aos de ordem psicológica relacionados nomeadamente com os efeitos do bilinguismo na percepção, na cognição e na memória. No entanto, são naturalmente também dignos de nota conforme ainda lembra Paradis (2004: 2), e como tal com certeza não indiferentes às discussões das intervenções a que iremos assistir, os aspectos sociolinguísticos, sociopsicológicos, antropológicos, políticos, pedagógicos, pedolinguísticos, psicolinguísticos, linguísticos e neurolinguísticos.

A intervenção de João Veloso, intitulada “O tratamento da duração vocálica antes de coda [+voz] e [-voz] em português por falantes nativos do inglês: estudo preliminar”, remete-nos para a problemática inerente ao período crítico de aquisição de uma segunda língua e para a possibilidade de instalação do chamado fenómeno da fossilização (cf. MacWhinney, 1992: 383) em relação a propriedades fonéticas subfonémicas que podem estar ou não presentes em línguas diferentes. No estudo em questão, foi escolhida como propriedade fonética subfonémica a relação da duração vocálica com o vozeamento da coda silábica e analisadas produções em inglês e em português.

Abordagens como esta podem levar-nos a perguntar se a língua dominante exerce efectivamente influência sobre a que se encontra em processo de aquisição/aprendizagem de acordo com o momento em que se realiza esse processo. Poderemos ainda perguntar que influência se poderá esperar neste processo do conhecimento metalinguístico.

Será que o material em questão escapa a esse conhecimento?

Em que medida é que os falantes bilíngues proficientes dominam propriedades fonéticas subfonémicas que não caracterizam da mesma forma as línguas que falam?

Que será que os levará a fazê-lo?

Fernanda Martins, por sua vez, na comunicação “Memória de reconhecimento para palavras de ira em bilingues de português/francês”, faz-nos ver de um modo particular o papel do envolvimento emocional na aquisição/aprendizagem de uma língua, em resultado provavelmente também de aspectos de ordem cultural. Tarefas de memória de reconhecimento serão utilizadas neste estudo com vista à obtenção dos dados a serem analisados.

Na apresentação de Fernanda Martins, à semelhança do que ocorre de um modo mais ou menos explícito nas outras que integram esta mesa, será questionada a influência da língua dominante e da sua envolvente cultural e sociopsicológica na língua menos dominante. As línguas em estudo são o português e o francês.

“Organização lexical numa prova mista da Tarefa de Stroop com bilingues de português/francês” é o título da comunicação de Ana Oliveira. O ponto de partida desta intervenção, i.e., a prova mista da Tarefa de Stroop, vai permitir-nos observar, entre outros aspectos, o grau de interferência translinguística que sofrem as diferentes nomeações obtidas. É provável que Ana Oliveira também nos mostre em que medida a sua pesquisa vai ou não ao encontro do estudo clássico de Preston e Lambert (1969), estudo esse em que estes autores usaram pela primeira vez a tarefa de Stroop numa perspectiva translinguística.

No estudo de Ana Oliveira revela-se igualmente de toda a pertinência considerar a possível interferência da língua dominante na não dominante. Resta, então, perguntar se a prova mista da Tarefa de Stroop, tal como se afigura até certo ponto possível verificar em tarefas – extremamente dependentes da velocidade de articulação dos falantes – destinadas a estudar a memória imediata, de curto prazo, ou mesmo de trabalho (cf. Brown e Hulme, 1992; Ellis, 1992), nos ajudará a comprovar/confirmar e/ou a mostrar qual é a língua dominante dos sujeitos bilingues que constituem a população estudada.

Por fim, “Je me chamo Melvin: quando a aquisição da segunda língua se revela problemática” é o título da comunicação de Mariely Lima. Trata-se de uma intervenção que nos fará pensar, através de um estudo de caso de aquisição de linguagem – o caso de uma criança em contacto com as línguas francesa e portuguesa –, o que estará em jogo quando se pretende que uma criança venha a ser bilingue com sucesso. Não especificamos naturalmente neste momento o grau de bilinguismo uma vez que já foi referida a dificuldade de se atingirem dois conhecimentos idênticos de duas (ou mais) línguas em virtude, entre outros, do contexto em que essas línguas são adquiridas.

A relação linguagem-cognição não será seguramente poupada na discussão desta apresentação. Além disso, o teor da exposição leva-nos a pensar como a instalação do bilinguismo, mesmo quando tendo lugar em fases tidas como menos críticas, pode levantar problemas de diferentes índoles acentuando a importância de que se revestem os vários aspectos acima focados e a sua conseqüente abordagem multidisciplinar.

Esta breve panorâmica da problemática que aqui vai ser abordada visa sobretudo justificar o título desta mesa-redonda e fazer com que se olhe o bilinguismo, dada a sua complexidade, de uma forma mais abrangente, ou seja, menos vaga, menos simplista e conseqüentemente também menos idealizada. Além disso, espera-se que conduza a uma leitura mais criteriosa e exigente das definições de “bilinguismo” e de “bilingue” que

nos disponibilizam os dicionários de hoje. Dicionários esses que, apesar de poderem contar com a colaboração de linguistas ou nos remeterem expressamente para terminologia linguística, nos apresentam de um modo geral uma oferta mais compatível com dicionários generalistas.

Referências:

- Brown, Gordon D. A.; Hulme, Charles (1992). Cognitive psychology and second language processing: the role of short-term memory. In. Richard J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam, London, New York, Tokyo: North Holland, pp. 105-121.
- Ellis, Nick (1992). Linguistic relativity revisited: the bilingual word-length effect in working memory during counting, remembering numbers, and mental calculation. In. Richard J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam, London, New York, Tokyo: North Holland, pp. 137-155.
- Grosjean, François (1992). Another view of bilingualism. In. Richard J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam, London, New York, Tokyo: North Holland, pp. 51-62.
- MacWhinney, Brian (1992). Transfer and competition in second language learning. In. Richard J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam, London, New York, Tokyo: North Holland, pp. 371-390.
- Paradis, Michel (2004). *A neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Preston, M. S.; Lambert W. E. (1969). Interlingual interference in a bilingual version of the Stroop colour-word task. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 8, pp. 295-301. Referido por Catharine W. Keatley (1992). History of bilingualism research in cognitive psychology. In. Richard J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals* (pp. 15-49). Amsterdam, London, New York, Tokyo: North Holland, p. 31.
- TLEBS (2005). *Terminologia linguística para os Ensinos Básico e Secundário*. Versão 1.0. Disponível na web em <http://www.app.pt>, acedido em 6 de Setembro de 2005. [Com base no 6.º parágrafo do preâmbulo da Portaria n.º 1147/2005, de 8 de Novembro, do Ministério da Educação (Diário da República – I Série – B, N.º 214 – 8 de Novembro de 2005, p. 6455), assumo que a data de publicação e distribuição da versão electrónica da TLEBS corresponde a Março de 2005.]